

Pour Marx e Lire le Capital: convergências e divergências*

LUIZ EDUARDO MOTTA**

*O marxismo é um pensamento de ruptura mas pode não sê-lo,
conforme sua apropriação e seu uso.*

Escobar, 1996, p.92

Introdução

O marxismo teve no ano de 1965 o lançamento de dois livros que marcariam profundamente não apenas o campo teórico/filosófico, mas também o político: *Pour Marx (PM)* e *Lire le Capital (LC)*, de Louis Althusser. As duas obras não passaram despercebidas, pois geraram um intenso e apaixonado debate tanto em torno de diversas questões relativas à obra teórica de Karl Marx quanto em torno dos seus efeitos políticos. As publicações de *PM* e *LC* estavam longe de reivindicar uma neutralidade no campo teórico marxista, ou mesmo de serem obras puramente teóricas e formais. Como observa o próprio Althusser em “Defesa de tese em Amiens” (1998c), essas duas obras teóricas continham uma clara intervenção na política e na filosofia marxistas reinantes, dominadas por leituras dogmáticas marcadas tanto pelo viés economicista como pelo seu par humanista, que para Althusser expressavam à época uma posição claramente direitista no marxismo.

Segundo Althusser (1998c), tanto o título de *PM* como *LC* eram igualmente palavras de ordem: o primeiro evocava um retorno a Marx, ao Marx revolucionário

* Texto apresentado no *Colóquio Marx e Engels* realizado na UNICAMP em julho de 2015, e no *Colóquio Internacional 50 años de Lire le Capital* realizado em Buenos Aires em outubro de 2015.

** Professor de Ciência Política da Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: luizpmotta63@gmail.com.

que fundou a Ciência da História (em oposição ao jovem Marx filósofo humanista), e com ele um novo conjunto conceitual centrado na luta de classes para o conhecimento dos distintos processos históricos das mais diversas formações sociais; o segundo uma clara defesa de *O capital* como a obra central de Marx em clara oposição às interpretações que enfocavam, ou davam maior ênfase às obras de juventude de Marx, em especial aos *Manuscritos* de 1844.

É necessário contextualizar o lançamento dessas duas obras magnas de Althusser: o ano de 1965 estava marcado por uma gama de movimentos revolucionários que sacudiram o mundo como a Revolução Cubana, a Revolução Argelina, a guerra do Vietnã, a ruptura sino-soviética, as lutas de libertação nacional na África portuguesa (Angola, Moçambique, Guiné-Bissau e Cabo Verde) e a emergência de ditaduras burguesas com sustentação militar, apoiadas pelo imperialismo estadunidense, como ocorreu em várias formações sociais latino-americanas a exemplo do Brasil, da Argentina, da Bolívia e da República Dominicana.

***Pour Marx e Lire le Capital* na contramão do humanismo teórico**

De fato, tanto *PM* como *LC* são duas obras que se insurgiram contra a emergência dentro do marxismo após o XX Congresso do PCUS em 1956 da perspectiva filosófica humanista centrada no jovem Marx e, conseqüentemente, na rejeição dos aspectos científicos da obra de Marx posterior a 1845. O marco filosófico dessa perspectiva ontológica está presente tanto na obra de Sartre (*Crítica à razão dialética*) como na de Lukács (*Ontologia do ser social*), pois a despeito de suas diferenças, ambos definem o marxismo enquanto uma filosofia cuja questão central seria a alienação humana compreendida a partir das mediações produzidas pelo trabalho. Então, o trabalho torna-se a categoria-chave explicativa das mudanças sociais e do conhecimento do homem por si mesmo. A resultante dessa perspectiva é o abandono da centralidade da luta de classes como motor da história, e das contradições que movimentam essa luta. Não se trata de uma “emancipação humana”, como apregoa a perspectiva ontológica humanista, mas sim de uma revolução proletária caracterizada por uma intensa e profunda ruptura no conjunto das relações sociais.

Essa perspectiva humanista far-se-ia presente dentro do PCF por intermédio de Lucian Sève e de Roger Garaudy, que se opuseram às teses de Althusser no Congresso de Argenteuil em 1966. O efeito político dessa onda humanista seria o abandono pela URSS do conceito de ditadura do proletariado e da revolução proletária, e esse efeito também estaria presente em diversos partidos comunistas alinhados à linha soviética, numa clara aproximação à estratégia reformista.¹ Isso resultou em diversos rachas nos partidos comunistas pró-soviéticos, e originou

¹ Sobre a crítica de Althusser à perspectiva humanista marxista veja o capítulo “Marxismo e humanismo” em *Pour Marx*, o texto “Cartas aos camaradas do Comitê Central do PCF” (*Crítica Marxista*, n.41) e o livro *Polêmica sobre o humanismo*.

uma nova gama de partidos e organizações comunistas que se alinhavam a uma posição de ruptura política cujas referências eram o modelo cubano e chinês que inspiraram fortemente os movimentos revolucionários dos países do Terceiro Mundo.²

Althusser, por seu turno, ia de encontro a essa perspectiva ontológica humanista ao revitalizar em *PM* e *LC* a obra de maturidade de Marx, já que retoma o aspecto científico de sua teoria. Althusser define o marxismo não como uma ciência social, mas sim a ciência social por excelência (ou ciência da história, como ele denomina o materialismo histórico), que tanto influenciou e se fez presente na obra de dirigentes e teóricos marxistas como Lenin, Rosa Luxemburgo e Mao Tsé-Tung. O marxismo é a ciência da história cujo centro de análise parte do conceito de modo de produção para o entendimento das lutas de classes, e de suas contradições que se fazem presentes em todas as instâncias dos distintos modos de produção. E é nessa fase em que há no marxismo a emergência de seus conceitos centrais, a exemplo de infraestrutura e superestrutura, relações de produção e forças produtivas, mais-valia, trabalho assalariado, formação social, ditadura do proletariado e revolução proletária. Portanto, tanto *PM* como *LC* são obras que tinham como escopo uma reação crítica ao espectro do par humanismo-reformismo que se fazia presente no movimento comunista internacional.

A despeito das diferenças entre os dois livros (que serão examinadas na seção seguinte), há aspectos convergentes com relação à gnosiologia marxista, e que têm como ponto de partida o célebre texto de Marx *Introdução à contribuição crítica da economia política*, de 1857:

- 1) A separação entre o objeto real e o objeto de conhecimento na qual se constitui a tese materialista do primado do real sobre o pensamento, já que o pensamento do real pressupõe a existência do real independente do pensamento.
- 2) A temporalidade articulada e diferenciada das distintas estruturas e práticas numa formação social dada, e que é constituída por diferentes e hierarquizados modos de produção.
- 3) A existência de distintas práticas articuladas num todo complexo com autonomia relativa das estruturas e das práticas. Trata-se, portanto, de uma “totalidade” (um todo) diferenciada e não homogênea de acordo com a própria afirmação de Marx na *Introdução de 1857*: “o resultado a que chegamos não é que a produção, distribuição, troca e consumo são idênticos, mas que todos eles são membros de uma totalidade, diferenças dentro de uma unidade” (Marx, 2011, p.53).

2 Sobre o impacto das teses althusserianas nas organizações de esquerda revolucionária, veja Ridenti (2002), que trata da recepção da AP-ML (Ação Popular Marxista Leninista), e Starcenbaum (2014), que analisa essa influência na Argentina por meio do PCR (Partido Comunista Revolucionário). Num quadro mais geral, ver Motta (2014).

- 4) A ausência de uma gênese na formação dos modos de produção, que rompa com a visão de sucessão linear dos modos de produção. Isso significa afirmar que há o primado epistemológico do presente sobre o passado na questão do conhecimento, ou como afirma Marx:

a anatomia do ser humano é uma chave para a anatomia do macaco. [...] Do mesmo modo, a economia burguesa fornece a chave da economia antiga etc. [...] a economia burguesa só chegou à compreensão das sociedades feudal, antiga e oriental quando começou a autocrítica da sociedade burguesa. (Marx, 2011, p.58-59)

- 5) A existência da pluralidade de contradições em oposição à monocausalidade. Isso demarca uma distinção das concepções de fundo economicista presentes no marxismo. O econômico é definido – a partir da observação de Engels (1985) numa carta dirigida a Joseph Bloch – como determinante em “última instância”. Desse modo, há uma pluralidade de determinações presentes não somente nas estruturas e práticas econômicas, mas também nas instâncias políticas e ideológicas, o que dá uma margem ao “acaso”, isto é, uma indefinição e não previsibilidade das consequências oriundas dessas múltiplas determinações.³ Ademais, as inúmeras contradições estão presentes nas estruturas e nas práticas resultantes das diversas determinações, em que há deslocamentos dessas contradições no todo complexo. Também é importante destacar que Althusser demarca uma diferença com as correntes ontológicas e humanistas do marxismo, já que depreciam o papel das determinações ao enfatizarem os aspectos subjetivos e essencialistas, ou somente culturalistas (a exemplo da perspectiva humanista de E. P. Thompson em *A miséria da teoria*).⁴ Essa posição “antideterminista” presente na concepção humanista do marxismo vai de encontro ao que o próprio Marx diz em sua *Introdução de 1857*: “esse Universal, ou o comum isolado por comparação, é ele próprio algo multiplamente articulado, cindido em diferentes determinações. [...] O concreto é concreto porque é a síntese de múltiplas determinações, portanto, unidade da diversidade” (Marx, 2011, p.41 e 54).

3 Como observa Carolina Collazo, a obra de Althusser foi marcada por essa tensão da articulação entre a determinação e o acaso (contingência). De acordo com a autora, “determinação e contingência são dois conceitos centrais no caminho do pensamento althusseriano, dentro do qual o primeiro ocupa várias páginas em suas obras clássicas, enquanto o segundo foi ganhando preponderância ao longo do caminho” (Collazo, 2011, p.8)

4 Sobre o culturalismo presente na obra de Thompson, veja o dossiê sobre sua obra publicado na revista *Crítica Marxista* (n.39), especialmente os artigos de Pedro Lira, “Thompson versus Althusser”, e Nicolás Iñigo Carrera, “A lacuna entre E. P. Thompson e Karl Marx”. Em ambos os artigos são apontadas as dificuldades de Thompson em pensar a luta de classes como motor, já que para ele a classe só pode ser entendida a partir da “experiência” e da “articulação de interesses” e, assim sendo, a luta é uma consequência, uma resultante, e não uma causadora.

- 6) A crítica ao humanismo teórico. O conceito de homem não é o ponto de partida da análise, mas sim as contradições entre as classes sociais em luta. Em *LC* o centro da crítica é o humanismo historicista de Gramsci e sua indistinção entre ideologia e ciência. Já em *PM* a crítica se tece diante da incorporação do projeto reformista dos partidos comunistas pelo viés humanista, além da crítica às noções filosóficas humanistas inspiradas em Feuerbach nos textos do jovem Marx.

As divergências teóricas entre *Pour Marx* e *Lire le Capital*

A despeito das semelhanças entre ambos os livros há algumas diferenças conceituais entre eles, apesar de terem sido produzidos no mesmo contexto da primeira metade dos anos 1960. Esse fato aponta para certa indecisão de Althusser em relação a alguns de seus conceitos na fase inicial de sua obra. Isso fica claro na ênfase do primado das relações de produção sobre as forças produtivas em *LC*, o que não está claramente definido em *PM*. As relações de produção não se reduzem às práticas econômicas da infraestrutura: elas também são relações sociais constituídas pelas práticas da superestrutura, e que configuram as relações de classes (econômicas, políticas e ideológicas). Como observa Althusser em *LC*:

as relações sociais de produção em Marx não põem em cena *os homens sós*, mas põem em cena, nas combinações específicas, os *agentes* do processo de produção e as *condições materiais* do processo de produção. [...] Esses tipos de relação, segundo a diversificação ou a não diversificação dos agentes de produção em trabalhadores imediatos e donos, tornam *necessária* ou *superflua* (sociedades de classes ou sociedades sem classes), a existência de uma organização política destinada a impor e manter esses tipos de relação determinados por intermédio da força material (a do Estado) e da força moral (a das ideologias). Vê-se com isso que certas relações de produção supõem, como condição de sua própria existência, a existência de uma *superestrutura* jurídico-política e ideológica, e por que essa superestrutura é necessariamente *específica*. (Althusser et al., 1980, p.124-127, grifos no original)

Althusser demarca uma oposição à tese economicista do primado das forças produtivas sobre as relações de produção, consagrada sobretudo no texto de Marx “Prefácio à contribuição crítica à economia política” de 1859, e não coincidentemente, um dos textos mais citados por Stalin (1982) como ele mesmo demonstra em seu opúsculo “Materialismo dialético e materialismo histórico”. Althusser se apoia sim em outros textos de Marx, como o *Manifesto comunista*⁵ e o *Capí-*

5 Como observam Marx e Engels no final da segunda parte do *Manifesto* “O proletariado usará a sua dominação política para arrancar a pouco e pouco todo o capital à burguesia, para centralizar todos os instrumentos de produção na mão do Estado, isto é, do proletariado organizado como classe dominante, e para multiplicar o mais rapidamente possível a massa das forças de produção” (1982, p.124).

tulo VI inédito de O capital,⁶ além da crítica de Mao Tsé-Tung⁷ a Stalin sobre a ênfase deste nas forças produtivas, pois distintamente do dirigente soviético, o chinês enfatizava o primado das relações de produção sobre as forças produtivas. Althusser retomaria essa questão do primado das relações de produção sobre as forças produtivas no anexo contido no seu manuscrito publicado postumamente *Sobre a reprodução*, e destacado na parte inicial do artigo “Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado”.

Por outro lado, inexistente em *LC* a problemática do conceito de contradição sobredeterminante. O conceito de sobredeterminação é citado em raras passagens em *LC*, pois há uma ênfase no conceito de causalidade estrutural nesse livro, e que de certa maneira é tratado como sinônimo do conceito de *sobredeterminação*. Desse modo, há uma questão ausente em *LC*, mas que se faz presente de modo central no livro *PM*: a questão da ruptura política evidenciada pelo conceito de *contradição sobredeterminante/sobredeterminada*, numa feliz combinação da pluralidade de contradições de Mao Tsé-Tung com a psicanálise de Freud e Lacan.

Concordo com as observações de Hall (2003) quando afirma que em *PM*, ao tratar a contradição e a sobredeterminação, Althusser por meio desses conceitos nos permite pensar sobre os distintos níveis e tipos de determinação, pois nos fornece aquilo que está ausente em *LC*: a capacidade de teorizar sobre eventos históricos concretos, ou formações ideológicas específicas (e suas consequências políticas, a exemplo do humanismo) como algo determinado por mais de uma estrutura (ou seja, pensar o processo de sobredeterminação). E, nesse ponto, a pluralidade contraditória e complexa propicia uma rica análise de conjuntura para estudarmos os diferentes conflitos antagônicos entre as classes e os grupos sociais. Ademais, a condensação dessas múltiplas contradições no momento de acentuação das lutas sociopolíticas e econômicas nos fornece chaves explicativas sobre as revoluções dos países periféricos, e o porquê de não terem ocorrido nas formações sociais onde o modo de produção capitalista estava mais desenvolvido. Isso significa afirmar que esses momentos históricos revolucionários não se reduzem apenas à contradição relações de produção X forças produtivas, pois estavam presentes outras contradições específicas, tanto internas como externas, nessas formações sociais onde as revoluções socialistas se concretizaram como a russa, a chinesa e a cubana, sem falar nas revoluções anticoloniais.

Ao tratar da causalidade estrutural, Althusser resgata alguns aspectos já abordados em *PM* no artigo “A dialética materialista” (em que ele aprofunda mais

6 Vide a parte II “A produção capitalista é produção e reprodução das relações de produção especificamente capitalistas”.

7 “[...] quando as novas relações de produção ficaram bem estabelecidas, abriram o caminho ao desenvolvimento das forças produtivas. É evidente que a revolução das relações de produção se produziu quando o desenvolvimento das forças de produção tinha já alcançado um determinado nível. Mas um grande desenvolvimento das forças produtivas vem sempre a seguir à transformação das relações de produção” (Mao, 1975, p.102).

o conceito de contradição sobredeterminante e de seu papel no todo complexo estruturado como dominante), como, por exemplo, a ênfase sobre a diferenciação temporal nas instâncias e nas práticas. Mas em *LC* é o conceito de causalidade estrutural (um conceito de inspiração spinozista como ele mesmo ressaltou)⁸ que ocupa o papel central ao tratar dos efeitos intrínsecos (ou causalidade em si mesma) das próprias estruturas.⁹ Como diz Althusser,

isso implica então que os efeitos não sejam externos à estrutura, não sejam um objeto ou um elemento, um espaço preexistente, nos quais a estrutura viria *imprimir a sua marca*: muito pelo contrário, implica que a estrutura seja imanente de seus efeitos no sentido spinoziano do termo, e de que *toda a existência da estrutura consista em seus efeitos*, em suma, que a estrutura, tão somente específica de seus próprios elementos, nada seja fora de seus efeitos. (Althusser et al., 1980, p.141, grifos no original).

No entanto, o custo disso foi a extração da pluralidade contraditória, e de sua articulação com o conjunto das determinações como foi analisado por Althusser em *PM*. A contradição sobredeterminante é uma forma mais bem-sucedida de pensar essa complexidade do todo desigual do que a combinatória invariante da causalidade estrutural, pois toca numa questão ausente no conceito da causalidade estrutural: a transformação das estruturas e das práticas a partir das contradições que formam e dão dinamismo aos conflitos existentes nas formações sociais.

E a prática (em suas diversas formas: política, econômica, ideológica e teórica) é um dos conceitos mais enfatizados por Althusser em *PM* no capítulo “Sobre a dialética materialista”. Nesse aspecto, portanto, as estruturas (instâncias) são definidas não como estruturas estáticas, mas dinâmicas, já que as contradições estão presentes nas práticas. Ao falarmos de estruturas não podemos, segundo Althusser em *PM*, dissociá-las do conjunto das práticas. Como bem observa Stuart Hall sobre a articulação das estruturas e das práticas, significa dizer que a

estrutura pode também ser compreendida, de outra perspectiva, como simples resultado de práticas anteriores. Pode-se dizer que uma estrutura é o resultado de práticas anteriormente estruturadas. Estas, portanto, constituem as “condições dadas”, o ponto de partida necessário, para novas gerações práticas. Em nenhum caso

8 Veja em Althusser et al. (1980, p.139) e também a parte IV (Sobre Spinoza) em “Elementos de autocrítica” (1998b).

9 É perceptível a influência materialista de Spinoza em Althusser na construção do conceito de causalidade estrutural na seguinte passagem da obra *Ética*: “I - Tudo o que existe, existe em si ou noutra coisa; II – O que não pode ser concebido por outra coisa deve ser concebido por si; III – De uma dada causa determinada segue-se necessariamente um efeito; se não existe qualquer causa determinada, é impossível seguir-se um efeito” (1983, p.77-78).

deverá a “prática” ser tratada como algo transparentemente intencional: fazemos a história, mas com base em condições anteriores não produzidas por nós mesmos. A prática é a forma como uma estrutura é ativamente reproduzida. Contudo, ambos os termos são necessários para que se evite o risco de tratar a história como nada mais do que o produto de uma máquina internamente estruturalista que se autoimpulsiona. (Hall, 2003, p.167)

Essa é a máxima de Marx em *O 18 Brumário de Luís Bonaparte* quando escreve “os homens fazem sua própria história, mas não a fazem como querem; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado” (Marx, 2010a, p.21). Isso significa afirmar que as mudanças nas estruturas e nas práticas são derivadas das contradições e conflitos internos nas diferentes estruturas. A estrutura, portanto, é tanto estruturante das práticas como também estruturada por estas. E é isso que indica as mudanças e as rupturas na história a partir da luta de classes e dos demais conflitos articulados com ela.¹⁰

A presença de PM nos textos dos anos 1970

Por isso, a meu ver, *PM* ao tratar da problemática da contradição sobredeterminante, esteve mais presente nas obras de Althusser dos anos 1970 do que o *LC*, especialmente o conceito tratado nessa obra, o de causalidade estrutural.¹¹ Esse aspecto é nítido na obra de Althusser como no manuscrito *Sobre a reprodução* (1999), do qual foi extraído o célebre artigo “Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado”, em que há a prevalência dos conceitos de aparelhos e de práticas. A filosofia deixa de ser definida somente como a teoria com T maiúsculo, como a prática teórica suprema sobre as teorias regionais (política, economia, sociologia) e recebe outro significado: a filosofia representa a luta de classes na teoria. De acordo com Althusser “é por isso que a filosofia é uma luta, e luta fundamentalmente *política*: luta de classes” (Althusser, 1998a, p.153). Não há, portanto, separação entre a filosofia e a política.

Na década de 1970, os textos de Althusser acentuam os traços políticos de seu pensamento que já se faziam presentes na sua obra inicial. Não é casual que a problemática das múltiplas contradições tenha permanecido nesse contexto

10 Como observa Escobar sobre o conceito de luta de classes, “Marx não faz das classes ou da luta de classes ou da classe trabalhadora um ‘sujeito da história’, já porque elas são essa história que se processa e que é destruída. Isto é, a sociedade capitalista tem nas classes – não importa qual – aquilo que deve e precisa ser destruído. As contradições, os dispositivos-contradições, são destruídos sem poderem ser neles mesmos e concentradamente sujeitos ou causas da Revolução ou transmutação-comunista” (1996, p.65-66).

11 O conceito de causalidade estrutural ainda continua a despertar um intenso interesse nos estudiosos da obra de Althusser, a exemplo de Vittorio Morfino em artigo recentemente publicado (2014).

em que ele começou a demarcar com mais intensidade as suas diferenças com as posições reformistas no marxismo (particularmente a emergência da corrente eurocomunista), além de manter e ampliar as suas críticas ao humanismo teórico. É nesse período que Althusser revê algumas de suas posições teóricas precedentes, as quais ele apontou como “desvio teorístico”, particularmente algumas de suas teses expostas em *LC*, onde ele reconhece um “flerte” com o estruturalismo francês, e a influência de Spinoza que ocuparia na obra de Marx o mesmo estatuto de Hegel para as interpretações ontológicas. E também não é fortuito que as citações da obra de Mao proliferaram na obra de Althusser nos anos 1970, e sem dúvida é a liderança política mais presente ao lado de Lenin; inclusive ambos os dirigentes revolucionários simbolizavam uma forma de resistência teórico-política à perspectiva reformista que predominava em diversos partidos comunistas.

E é significativo que nessa fase Althusser retome a defesa da pluralidade contraditória e da sobredeterminação em seus textos “Elementos de autocrítica” (1998b) e “Defesa de tese em Amiens” (1998c). Em “Elementos de autocrítica”, Althusser destaca um mérito de Hegel na obra de Marx que está ausente em Spinoza: o conceito de contradição. Obviamente que a contradição na ciência da história não se assemelha à de Hegel, e tampouco à dos marxistas filiados à perspectiva hegeliana, pois não se trata de uma contradição simples que se desdobra a partir de sua essência nas demais contradições, mas sim, como ele já vinha desenvolvendo desde *PM*, trata-se de uma contradição complexa, plural, já dada e sem origem.

Essa posição sobre a pluralidade contraditória, e o aspecto político da filosofia (num tom de autocrítica a seus trabalhos iniciais), fica clara nessa passagem:

eis por que, para falar e julgar uma filosofia, deve-se partir das categorias de Mao sobre a contradição. Ele, que fala antes de tudo de política, mesmo em seus textos filosóficos [...] nos dá elementos para sua afirmação, o que concorda com o que Engels e Lenin escreveram, e que permanece em teoria a “leitura materialista” leninista, não somente de Hegel, o absoluto do idealismo, mas de *todos* os filósofos sem exceção (inclusive os próprios Engels, Lenin e Mao): em toda a Filosofia, em toda a posição filosófica, é necessário considerar a tendência em sua contradição, e nessa contradição a tendência *principal* e a tendência *secundária* da contradição, e em cada tendência o aspecto principal e o aspecto secundário, e assim sucessivamente. [...] Por que essas observações gerais? Para poder qualificar melhor [...] a “tendência” de meus primeiros ensaios. Por sua tendência *principal*, e apesar da severa crítica que lhes dirijo, acredito que eles defendiam, à sua maneira, com seus “instrumentais”, e em uma conjuntura precisa, posições úteis para a teoria marxista e para a luta de classes proletária contra as mais ameaçadoras formas da ideologia burguesa, humanismo, historicismo, pragmatismo, evolucionismo, economicismo, idealismo filosófico etc. Mas, por sua tendência *secundária*, teorístico, esses mesmos ensaios exprimiam um desvio, nocivo às posições e à luta de classes marxistas. (Althusser, 1998b, p.191-192, grifos no original)

Althusser, com efeito, nesse período de sua “autocrítica”, demarcou insistentemente suas diferenças com o estruturalismo francês em relação à sua obra, haja vista que diferentemente das estruturas rígidas características em Lévi-Strauss, a sua definição do conceito de estrutura estava calcada no dinamismo das contradições internas das estruturas. Essa definição mais rígida das estruturas está presente no *LC*, no primeiro trabalho de Balibar (“Sobre os conceitos fundamentais do materialismo histórico”), quando ele afirma que as contradições são efeitos das estruturas:

essa definição encerra também a limitação do papel da contradição, isto é, sua situação de dependência em relação à causa (à estrutura): a contradição é apenas entre os efeitos, mas a causa não é em si dividida; não pode analisar-se em termos antagônicos. A contradição não é, pois, originária, mas derivada. Os efeitos são organizados numa série de contradições particulares, mas o processo de produção desses efeitos não é de modo algum contraditório. (Balibar, 1980, p.254)

Althusser demarca uma posição oposta a de Balibar quando afirma que o marxismo não se diferencia do estruturalismo apenas pela prioridade do processo sobre a estrutura, mas sim pelo primado da contradição sobre o processo, o que torna o marxismo uma ciência revolucionária já que se apoia sobre posições teóricas de classe revolucionárias (Althusser, 1998).

Na “Defesa de tese em Amiens”, Althusser ratifica essa sua posição na seguinte passagem:

Certamente, não se trata de conceber a sobredeterminação ou a subdeterminação em termos de adição ou de subtração de um *quantum* de determinação acrescentado ou retirado de uma contradição pré-existente, que teria em alguma parte uma existência de direito. A sobredeterminação ou a subdeterminação não são exceções diante de uma contradição pura. Assim como Marx diz que o homem só pode se isolar na sociedade, assim como Marx diz que a existência das categorias é o resultado excepcional da história, do mesmo modo uma contradição em estado puro só existe como produto determinado da contradição impura. [...] Ora, se posso superar aqui o que defendi em meus primeiros ensaios, embora na mesma linha, diria que a contradição, tal como se encontra em *O capital*, apresenta a surpreendente particularidade de ser desigual, de colocar em jogo contrários que se obtêm marcando o outro com signo oposto ao primeiro, porque eles são apreendidos em uma *relação de desigualdade* que reproduz incessantemente suas condições a partir da existência dessa contradição. Falo por exemplo da contradição que determina o modo de produção capitalista [...], a contradição da *relação de produção* capitalista, a contradição que divide as classes, como classes, em que se defrontam duas classes inteiramente desiguais: a classe capitalista e a classe operária. [...] Elas não têm a mesma história, não têm o mesmo mundo, não têm os mesmos meios, nem levam

a cabo a mesma luta de classes e no entanto se confrontam e isto é cabalmente uma contradição, visto que a relação *de seu confronto reproduz as condições de seu confronto*, ao invés de superá-las na sublime elevação e reconciliação hegeliana. (Althusser, 1998c, p.215-216)

A dialética marxista, portanto, não representa uma conciliação a partir de uma “superação”, como bem aponta Althusser. Isso indicaria que os elementos e aspectos dos modos de produção permaneceriam e, assim, não haveria novas formas de relações sociais já que se conservaria o que fora negado. Mas o método marxista por ser uma dialética de contradições desiguais torna-se inconciliável, o que o faz ser uma dialética destruidora. Assim sendo, não há conservação já que a ruptura se faz presente no momento revolucionário e de transição ao comunismo. A dialética marxista não é tripartite já que não contém uma “negação da negação”, mas sim dual, pois, como afirma Márcio Bilharinho Naves, “a dialética, ao contrário dessa dialética teológica da conservação, da síntese, é uma dialética da destruição. Ela implica a extinção do que é negado e a sua substituição por algo novo, que não existe no elemento negado e, portanto, não pode ser conservado ou recuperado” (Naves, 2008, p.141-142).

E esse legado de uma dialética destruidora, não conciliadora a exemplo da perspectiva hegeliana, e que se faz presente em algumas correntes marxistas (como o humanismo e o historicismo), é o que Althusser nos fornece em *PM* e em *LC* a partir de conceitos como ruptura, descontinuidade, contradição sobredeterminante e no primado das relações de produção sobre as forças produtivas. O marxismo, então, não propõe uma “superação” da sociedade moderna burguesa, mas o fim desta com o surgimento de novas relações sociais, de novas práticas políticas, ideológicas e econômicas a partir do momento explosivo revolucionário e na transição à sociedade comunista.

Referências bibliográficas

- ALTHUSSER, L. *Pour Marx*. Paris: Editions La Découverte, 1986.
- _____. La philosophie comme arme de la révolution (réponse à huit questions). In: *Solitude de Machiavel*. Paris: PUF, 1998a.
- _____. Eléments d'autocritique. In: *Solitude de Machiavel*. Paris: PUF, 1998b.
- _____. “Soutenance d’Amiens”. In: *Solitude de Machiavel*. Paris: PUF, 1998c.
- _____. *Sobre a reprodução*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- _____. Cartas aos camaradas do Comitê Central do PCF. *Crítica Marxista*, São Paulo, Unesp, n.41, p.135-151, 2015.
- _____. et al. O objeto de *O capital*. In: *Ler o capital*, v.II. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1980.
- _____. et al. *A polêmica sobre o humanismo*. Lisboa: Presença, [s.d.].
- BALIBAR, E. Sobre os conceitos fundamentais do materialismo histórico. In: ALTHUSSER, L. et al. *Ler O capital*. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1980.

- COLLAZO, C. “Determinación y contingência”. In: CALETTI, S.; ROMÉ, N.; SOSA, M. *Lecturas de Althusser: proyecciones de un campo problemático*. Buenos Aires: Imago Mundi, 2011.
- ENGELS, F. Carta a Joseph Bloch. In: *Obras escolhidas*, v.3. Lisboa: Avante, 1985.
- ESCOBAR, C. H. *Marx, filósofo da potência*. Rio de Janeiro: Taurus, 1996.
- HALL, S. *Da diáspora*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- MAO, Tsé-Tung. *A construção do socialismo*. Lisboa: Dom Quixote, 1975.
- MARX, K. *O 18 Brumário e Cartas a Kugelmann*. São Paulo: Paz e Terra, 2010a.
- _____. *Capítulo VI, inédito de O capital*. São Paulo: Centauro, 2010b.
- _____. Introdução à contribuição crítica da economia política. In: *Grundrisse*. São Paulo: Boitempo, 2011.
- _____.; ENGELS, F. Manifesto comunista. In: MARX, K.; ENGELS, F. *Obras escolhidas*, v.I. Lisboa: Avante, 1982.
- MORFINO, V. A causalidade estrutural em Althusser. *Lutas Sociais*, São Paulo, NIELS/PUC-SP, n.33, v.18, p.102-116, 2014.
- MOTTA, L. E. *A favor de Althusser*. Rio de Janeiro: Gramma, 2014.
- NAVES, M. B. *Marx, ciência e revolução*. São Paulo: Quartier Latin, 2008.
- RIDENTI, M. Ação Popular: cristianismo e marxismo. In: AARÃO REIS FILHO, D.; RIDENTI, M. (Orgs.). *História do Marxismo no Brasil*, v.5. Campinas: Editora da Unicamp, 2002.
- SPINOZA, B. *Ética*. Col. Os pensadores. São Paulo: Abril, 1983.
- STALIN, J. O materialismo dialético e o materialismo histórico. In: NETTO, J. P. (Org.). *Stalin*. São Paulo: Ática, 1982.
- STARCENBAUM, M. Althusserianismo e luta armada na Argentina: a experiência do zaratismo. *Lutas Sociais*, São Paulo, NIELS/PUC-SP, n.33, v.18, p.172-200, 2014.

Resumo

O presente texto tem como objetivo fazer uma análise comparativa de duas obras pioneiras de Althusser, nas quais ele lançou novas luzes e questões a respeito da teoria marxista, oferecendo uma leitura inovadora e marcada por uma radicalidade não somente teórica, mas também política. Assim, demarcarei tanto os aspectos similares e convergentes dessas duas obras em relação à crítica ao humanismo teórico, como também as suas diferenças. Essa distinção fica marcada pelos conceitos de contradição sobredeterminante, presente em *Pour Marx*, e o de causalidade estrutural, conceito esse marcante em *Lire le Capital*. Parto do princípio de que o conceito de contradição sobredeterminante tornou-se fundamental para a compreensão da conjuntura política e de seus aspectos de crise, particularmente nos momentos revolucionários, enquanto o de causalidade estrutural, por extrair o papel da contradição, possui um caráter formalista, o qual Althusser irá retificar em obras posteriores.

Palavras-chave: contradição e sobredeterminação, causalidade estrutural, Althusser.

Abstract

This paper aims to make a comparative analysis of these two pioneering works of Althusser in which he shed new light on issues concerning the Marxist theory giving an innovative reading marked by radicalism not only theoretical, but also political. Thus, I will specify in this article both similar and convergent aspects of these two works in relation to the criticism of theoretical humanism, but also their differences. This distinction is marked between the concepts of contradiction and over-determination present in *Pour Marx* and structural causality, this striking concept, in *Lire le Capital*. I assume that the concept of contradiction is fundamental to the understanding of the political context of the crisis, particularly in revolutionary moments, while the structural causality, by extracting the role of contradiction, has a formal character which Althusser will rectify in later works.

Keywords: contradiction and over-determination, structural causality, Althusser.

CONSULTE A BIBLIOTECA VIRTUAL DA *CRÍTICA MARXISTA*

<http://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista>

CRÍTICA marxista

Exame crítico da teoria da financeirização

Eleutério F. S. Prado

Classes sociais e grupos subalternos

Leandro Galastri

Gramsci teórico das relações internacionais

Marcos Vinícius Pansardi

**História crítica das *Obras completas
de Marx e Engels* (MEGA)**

Thomas Marxhausen

**E. P. Thompson: controvérsias
e contribuições (Dossiê)**

Antonio Luigi Negro, Nicolás Iñigo Carrera
e Pedro Benítez Martín

39